

OS ANIMAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS COLEÇÕES *HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DO MUNDO E HISTORAR* DA EDITORA SARAIVA

SANTOS, Marcelo Oliveira dos¹

Resumo:

As representações pictóricas sempre estiveram presentes no cotidiano humano, desde as pinturas rupestres às imagens digitais do mundo contemporâneo. Ao longo do tempo os animais foram os mais representados. A proposta deste trabalho é identificar como os animais são apresentados nos livros didáticos de História. Analisamos duas coleções dos anos finais do Ensino Fundamental da editora Saraiva: a coleção *História e Consciência do Mundo*, (meados da década de 1990) e a *Historiar*, (segunda metade da década de 2010), ambas de Gilberto Cotrim. Dialogamos com as contribuições de Burke (2017), Pesavento (2014) e Bittencourt (2018; 2020) sobre o uso de imagens no fazer historiográfico e, no caso da última autora, como utilizá-las no ensino de história. Identificamos uma significativa quantidade de representações de animais nas coleções em análise, contudo, poucos são os momentos em que essa presença é analisada, discutindo o papel dos animais na história humana. Assim, essas representações se tornam “ilustrações”, sem a devida reflexão que exigem. As discussões levantadas nessa comunicação foram fruto de parte da pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em História da UNEB, *Campus II*.

Palavras-chave: Animais; livro didático; ensino de história.

1. Introdução

O livro didático no ambiente escolar se tornou, desde o século XIX, uma ferramenta de significativo uso pelos professores e alunos (BITTENCOURT, 2020). As editoras, acompanhando o potencial econômico deste mercado, tem investido cada vez mais na qualidade dos materiais escolares. Não apenas no processo de confecção dos livros, mas sobretudo na busca por atender as exigências das políticas curriculares. Assim, a inclusão de temas inovadores e o uso de variados tipos de documentos no corpo do texto são características que influenciam na escolha desses manuais pelos professores, coordenadores e secretarias.

O uso de imagens nos livros didáticos, apesar de não ser recente, desponta como um dos diferenciais das coleções ao longo do tempo. Tem sido tão expressiva a

¹Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus II*, Alagoinhas. E-mail: macelo_o18@hotmail.com.

quantidade de imagens presentes nesses materiais que elas chegam a disputar espaço com os textos escritos (BITTENCOURT, 2020). A combinação texto-imagem nos livros didáticos torna o processo de transmissão de uma informação/conteúdo mais efetivo, do que quando se utiliza apenas o texto escrito (RAMIL, 2018, p. 88). A inserção deste recurso nos livros didáticos tinha e ainda tem, na maioria das vezes, como principal objetivo reafirmar o que está escrito no texto. No Brasil, o uso de imagens como recurso pedagógico esteve presente nos livros didáticos desde seus primeiros manuais no século XIX que, inicialmente, vinham da França (RAMIL, 2018).

As imagens nos livros didáticos servem para representar os mais diversos aspectos: as paisagens, as sociabilidades, os atos políticos e, principalmente os “grandes personagens” históricos (reis, rainhas, imperadores, militares de alta patente, políticos renomados e outros). Mas um outro aspecto representado nessas imagens e que talvez não seja dada tanta atenção, são os animais (selvagens ou domesticados).

As representações do mundo não-humano, por meio de pinturas, desenhos e fotografias, são vestígios valiosos para identificarmos como esses aspectos estiveram inseridos no cotidiano humano, seus usos, abusos e interações. São informações que nos fazem compreender como os seres humanos e o mundo natural se relacionavam ao longo do tempo. Não como peças separadas, mas para demonstrar, as influências recíprocas e as conexões entre eles. Os livros didáticos exibem uma quantidade significativa de imagens. São reproduções de pinturas, desenhos, esculturas e fotografias e os animais aparecem nessas imagens ora em primeiro plano, ora em segundo.

Este trabalho é resultado parcial da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em História, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus Alagoinhas*. Nossa proposta é identificar algumas abordagens utilizadas pelas coleções *História e Consciência do Mundo* e *Historiar*, ambas do autor Gilberto Cotrim, sobre a relação humana com os animais. A primeira coleção foi publicada em meados dos anos 1990 e a segunda na metade dos anos 2010, ambas pela editora Saraiva. A escolha dessas duas coleções foi motivada pela expressiva aceitabilidade das produções de Gilberto Cotrim no campo dos livros didáticos.

2. Os animais na história

A história dos animais ainda é incipiente no Brasil. Regina Horta Duarte (2019), uma das incentivadoras e entusiastas desse campo de pesquisa, esclarece que são poucas as produções que tenham como objeto o estudo das relações humanas com os animais.

Em um artigo recente, *História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação*, Duarte (2019) critica a baixa produção no campo da história dos animais. Ao mesmo tempo, a autora se diz angustiada, pois o Brasil abriga uma das mais ricas diversidades de animais (nativos e aclimatados), sem contar que o país possui “uma história calcada na participação de animais nas mais diversas atividades econômicas e nas variegadas práticas culturais, religiosas e artísticas de nossas populações, ao longo do tempo, e nos diferentes espaços do território” (DUARTE, 2019, p. 34). Outros dois aspectos que a autora destaca é o “esquecimento” dado a parte das obras de Sérgio Buarque de Holanda que trata sobre os animais e; o pouco diálogo dos pesquisadores com o campo da história dos animais, um tema com expressivas produções no exterior (DUARTE, 2019, pp. 34-5).

A autora analisa quatro livros de Sérgio Buarque de Holanda: *Monções, Visões do Paraíso, Caminhos e Fronteiras e A época colonial, do descobrimento à expansão*. Nessas obras ela identificou o pioneirismo de Holanda no estudo das relações humanas com o mundo biofísico, e que esse autor concluiu que o conhecimento do mundo natural foi crucial para a sobrevivência dos primeiros “brasileiros” e exploradores. As matas “pareciam negar ao homem dos meios de subsistir”, destaca Duarte. Desta forma, “tornava-se essencial saber acompanhar o voo das abelhas e determinar ‘uma árvore de colmeia entre centenares de troncos’, distinguir os rastros de animais diversos, ouvir atentamente o menor ruído, proteger-se, caçar, pescar” (DUARTE, 2019, p. 23). Os desequilíbrios causados pela presença humana também influenciavam no comportamento dos animais, insetos e nas doenças (DUARTE, 2019).

Adaptar e adaptar-se ao ambiente foi um dos grandes desafios humanos. Nesse processo, além de levar consigo as doenças, também levaram plantas e animais. O desconhecido sempre despertou o fascínio dos humanos, mas o cultivo e a criação de espécies conhecidas era menos arriscado do que aventurar-se com as espécies dos continentes a serem explorados. Os resultados destas ações foram a aclimação de diversas espécies de plantas e animais pelos continentes conquistados. É o que nos mostra a obra *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900* de Alfred Crosby (2011). Esse autor destaca que o desembarque de “cavalos, vacas, porcos, cabras, carneiros, asnos, galinhas, gatos e outros bichos” nos continentes americano e na “Australásia” foi tão agressivo ao meio ambiente desses continentes que superariam os estragos causados pelas novas tecnologias do século XX, se estas fossem usadas no início da colonização (CROSBY, 2011, p. 182). A pouca presença de predadores e a alta

velocidade em que essas novas espécies se reproduziram, parece ter potencializado suas dispersões pelos novos continentes.

A inserção de novas espécies em um ambiente tem impactos, às vezes, desastrosos. Essa é uma das hipóteses, por exemplo, que justificariam a ausência de animais de grande porte em continentes diferentes do africano. O animal inserido, neste caso, foi o homem. Dentre as hipóteses, destacam-se a fragilidade daquelas espécies devido ao seu grande porte e o baixo índice de reprodução. Mas a tese mais aceita é a de “ingenuidade ecológica”. Essa hipótese defende que “os grandes animais deixassem o homem chegar muito perto sem esboçar qualquer reação de fuga ou defesa” (FERNANDES; ARAÚJO, 2012, p. 114). Como a espécie humana é nativa do continente africano, esclarecem os autores, então o processo de “coevolução com a megafauna” forneceu os instintos necessários para sua autodefesa (FERNANDES; ARAÚJO, 2012, p. 114).

Esses trabalhos nos mostram que a história é resultado de interrelações constantes entre humanos e mundo natural. A história é uma combinação de pés, mãos, pelos, patas, focinhos, plantas e microrganismos. Neste sentido, Regina Horta Duarte conclui que “a história dos seres humanos é *também* uma história dos animais” e que “uma história que não inclui os animais omite um ponto crucial da trajetória das sociedades humanas no planeta Terra” (DUARTE, 2019, pp. 35-6). Ao longo da história, os humanos realizaram uma grande quantidade de registros da presença dos animais. De forma intencional ou não, as pinturas, desenhos, esculturas, fotografias e textos escritos nos fornecessem valiosos indícios dos usos, abusos e relações humanas com os outros animais.

Peter Burke, em seu livro *Testemunha ocular: uso de imagens como evidência histórica*, nos sugere que “as testemunhas são mais confiáveis quando elas nos contam alguma coisa sem que elas – nesse caso, os artistas – não sabem que sabem” (BURKE, 2017, p. 52). Com essa premissa, o autor acredita que os pintores, desenhistas e fotógrafos, transmitem informações mesmo sem saber que o fazem ou sem pretender fazê-lo.

Para confirmar tal afirmação, pondera Burke que podemos usar como exemplo parte dos resultados obtidos no livro *O homem e mundo natural* de Keith Thomas, em que esse autor conseguiu identificar “o papel dos animais nos primeiros tempos da sociedade inglesa moderna” (BURKE, 2017, p. 52), através de representações de cães feitas por David Logan em Cambridge em fins do século XVII, 35 no total; e 56 pinturas em Oxford (THOMAS, 2010, p. 144). A partir dessas representações e outras, Keith Thomas enfatiza que “o cão era o preferido de todos os animais” (THOMAS, 2010, p.

143). Seus usos práticos, esclarece o autor, parecem ter motivado essa preferência: “Puxavam carroças, trenós e mesmo arados. Eram indispensáveis a pastores, tropeiros, agricultores e açougueiros. Nas grandes mansões serviam de vigias. Alguns deles eram até usados para seguir rastros de criminosos” (THOMAS, 2010, p. 144).

Por meio das reproduções de pinturas, desenhos, esculturas e fotografias nos livros didáticos, mesmo sem a intenção, também é possível acessar os vestígios dessa presença animal. Essas imagens fornecem ao leitor uma infinidade de interpretações de como se relacionavam os humanos e não-humanos. Por outro lado, a escolha de determinada imagem pelos editores ou autor do livro didático são representativos da memória histórica que eles pretendem preservar. É importante compreendermos que além de significarem uma parte da cultura material escolar, o livro didático também é um espaço de disputa de representações. Sobre este aspecto, Roger Chartier (2002a, p. 17) destaca que, apesar de buscar a universalidade no campo mental dos indivíduos, as representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”. Assim procuramos avançar em nossas inquietações: como são representados os animais nos livros didáticos?

3. Animais como “ilustração”?

Por muito tempo os historiadores utilizavam da imagem como ilustração (PESAVENTO, 2014, p.85; BURKE, 2017, p. 18), sem um devido diálogo ou problematização do que se estava vendo. Nesses casos, o texto escrito ficava no centro e as imagens nas margens da página. Em outros casos, acrescenta Peter Burke (2017, p. 18-19), quando “as imagens são discutidas no texto, essa evidência é frequentemente utilizada para ilustrar conclusões a que o autor já havia chegado por outros meios, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões”. A imagem como ilustração ainda está muito presente nos livros didáticos de História.

As coleções *História e Consciência do Mundo* e *Historiar*, em análise neste trabalho, incorrem nessa lógica de subordinação da imagem ao texto. Porém nota-se alguns avanços na última coleção em comparação com a primeira. Enquanto que na coleção *História e Consciência do Mundo* são poucas as imagens que fazem referência ao autor, o ano e o contexto da sua produção, na coleção *Historiar* essas informações estão presentes em todas as reproduções.²

²Isso confere, em parte, com a afirmação de João Batista Gonçalves Bueno de que foi após os PCNS e o PNLD de 1999 que os livros didáticos “passaram a apresentar nas legendas o título da imagem visual e os créditos”. Cf. BUENO, João Batista Gonçalves. **Imagens visuais nos livros didáticos: permanências e**

A qualidade das imagens também é um forte indicador da valorização pictórica no corpo do texto. Na primeira coleção, além das imagens serem menores em tamanho, prejudicando a visualização e compreensão da representação, também utilizavam, na maioria das vezes, cores primárias, como o vermelho, amarelo e azul ou preto e branco – não perdendo de vista que estes aspectos tinham a finalidade de diminuir custos de produção ou mesmo pelas limitações da capacidade técnica do período. Por outro lado, a segunda coleção em análise faz uso de imagens maiores e com cores mais vivas, facilitando a leitura. Outra diferença significativa entre as duas coleções é a análise de imagens. Apesar de ambas não fazerem análises de imagens no corpo do texto principal – a segunda coleção reserva algumas seções para discutir e analisar algumas imagens e enxertos de documentos. A coleção *História e Consciência do Mundo*, por outro lado, em nenhum momento coloca as imagens como objeto de reflexão analítica.

De modo geral, os livros didáticos de História trazem representações de humanos, paisagens (urbanas e “naturais”) e objetos e há também uma significativa quantidade de representações de animais. Identificamos que essas representações de animais têm, predominantemente, uma concepção utilitarista, ou seja, suas presenças estão intimamente ligadas aos usos humanos e quase não se discute, por exemplo, a importância deles para o sucesso das empreitadas humanas ao longo do tempo. Por isso, podemos afirmar que os animais quando aparecem nos livros didáticos em análise são quase sempre como “ilustrações”, pois não se questiona como, quando e por que esses seres não-humanos aparecem nas representações. Em relação a utilidade, os animais são apresentados em pelo menos quatro formas diferentes: para o trabalho; símbolo de poder e status; usos místicos/religiosos e; símbolo de qualidades morais ou atributos associados a determinados animais.

As coleções *História e Consciência do Mundo* (nos dois exemplares) e *Historiar* (nos quatro exemplares) trazem, respectivamente um total de 78 e 162 representações de animais, em sua maioria acompanhados dos humanos. Desse total, grande parte são representações de equinos, a exemplo do cavalo, como na imagem abaixo (**Figura 1**).

rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000). Tese de doutorado, Faculdade de Educação – Universidade de Campinas, SP, 2011, p. 93.

Figura 1 - Imagem da página 161 do livro COTRIM, Gilberto. **História & Consciência do Mundo**. Editora Saraiva, v. 1, 1996.



Fonte: Acervo do autor.

O variado uso do cavalo na história é bem conhecido. Nas guerras esses animais eram uma força importante e diferencial e, muitas vezes, foram cruciais para a vitória ou derrota de exércitos ou civilizações. No cotidiano, foi um dos principais meios de transporte de pessoas das mais altas às mais baixas classes sociais. Na agricultura, facilitavam o processo de aragem e diminuía a energia e o tempo gastos pelos humanos. Notamos que o cavalo transitava entre as atividades de poder e *status*, assim como no trabalho.

Na figura acima podemos visualizar o uso agrícola do cavalo. No canto esquerdo há uma representação no primeiro plano de uma área agrícola na Idade Média, em que dois servos preparam a terra para o cultivo. Enquanto um deles ara a terra com o apoio de dois cavalos puxando a charrua, o outro lança as sementes ao solo já arado. Há também a presença de pássaros atraídos pelo solo exposto e pelas sementes a serem cultivadas. A área a ser cultivada está cercada e ao lado temos outro indivíduo, ao que parece, podendo

uma árvore. Junto dele há alguns animais, aparentemente caprinos ou ovinos. Ao fundo da imagem há outras pessoas, caminhos e casas.

Nesta imagem, assim como a charrua e o peitoral, o cavalo se torna uma ferramenta para a execução das atividades agrícolas. Apesar do cavalo e do boi terem sido animais de significativo uso para facilitar as práticas agrícolas, Gilberto Cotrim deu pouco destaque a eles e privilegiou as técnicas. Observamos que a intenção do autor foi chamar atenção para as duas representações de ferramentas, a charrua e o peitoral, e não para o uso do cavalo como força motriz para alcançar os resultados da “ampliação agrícola”. O fato do autor pouco explorar a presença dos animais passa uma ideia de que eles sempre estiveram ali ou uma naturalização equivocada da relação. A não reflexão dessa relação omite o processo de exploração dos animais pelos homens, os processos de ajustes e adaptações que perpassaram essas relações ao longo do tempo. Assim, o que está em evidência é a capacidade humana de criar e inventar.

A seguir selecionamos outra imagem (**Figura 2**) em que reforça a presença de animais como “ilustração”. A Revolução Industrial trouxe uma série de mudanças para a sociedade. Na verdade, é a partir desse período que alguns ambientalistas e historiadores, especialmente os ambientais, como José Augusto Pádua, demarca como o surgimento do Antropoceno, que é quando as intervenções humanas no meio ambiente passaram a ser mais intensas e mudaram os processos biofísicos.³

³Para José Augusto Pádua “o termo pode ser entendido como a época em que a espécie humana deixa de ser um animal como outro qualquer, que vive da apropriação de uma fração relativamente pequena dos fluxos naturais de matéria e energia existentes no planeta, e passa a ser um agente geológico global. PÁDUA, José Augusto. **Vivendo no Antropoceno: incertezas, riscos e oportunidades**. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/livro/10-vivendo-no-antropoceno.html>. Acesso: 03/01/2022.

representados quatro cavalos puxando um carro de guerra. Os textos escritos que acompanham as imagens e as legendas não problematizam em nenhum momento a presença dos animais nas guerras, lutas e jogos que eram utilizados nos carros de guerra puxados por cavalos. Mesmo não abordando esse aspecto, o cavalo representa o poder e o *status* desses guerreiros e impérios.

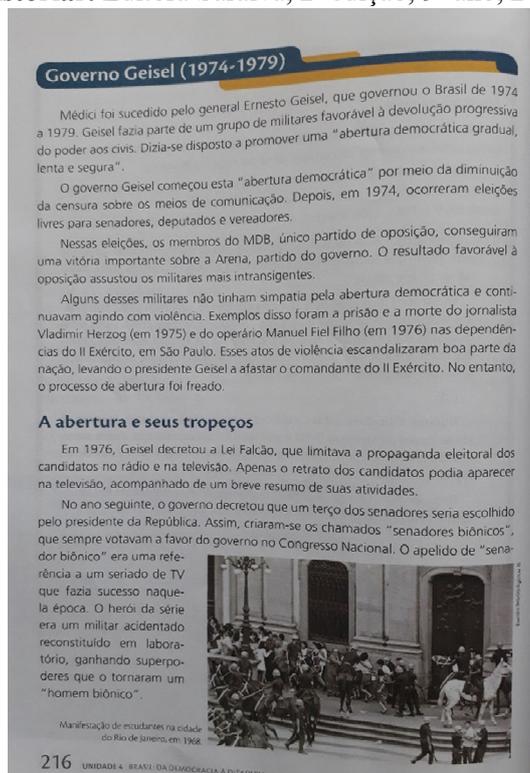
Figura 3 - Imagem da página 174 do livro de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, coleção **Historiar**. Editora Saraiva, 2ª edição, 6º ano, 2015.



Fonte: Acervo do autor.

Agora, vindo para uma história mais recente, o excerto da **Figura 4** aborda os tempos de chumbo da Ditadura Militar dos anos 1964-1985 no Brasil. Podemos observar policiais montados a cavalos reprimindo *Manifestações na cidade do Rio de Janeiro, em 1968*. A combinação da força policial com a imponência dos cavalos revela uma face cruel da repressão e o poder que a Ditadura queria expressar. Mesmo passados tantos séculos, a figura do cavalo ainda representa a força, o poder e o *status* desejados pelos indivíduos e instituições.

Figura 4 - Imagem da página 216 do livro de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, coleção **Historiar**. Editora Saraiva, 2ª edição, 9º ano, 2015.



Fonte: Acervo do autor.

Nas coleções *História e Consciência do Mundo* (**Figura 5**) e *Historiar* (**Figura 6**) uma imagem emblemática se repete. Nela visualizamos uma representação de uma loba amamentando duas crianças. Se trata da lenda da *loba amamentando os gêmeos Rômulo e Remo*. Ambos os excertos trazem a história da fundação da cidade de Roma e seus fundadores, os irmãos gêmeos Rômulo e Remo. Segundo a lenda, os irmãos foram abandonados no rio Tibre. Uma loba os encontrara e os amamentara até que um pastor os acolheu. No desfecho da história Rômulo mata Remo durante uma disputa de quem seria o rei da nova cidade fundada por eles. A reprodução dessas imagens servem como uma validação daquilo que foi discutido no texto.

Figura 5 - Imagem da página 89 do livro COTRIM, Gilberto. História & Consciência do Mundo. Editora Saraiva, v. 1, 1996.

• Gregos: chegaram à Itália por volta do século VIII a.C. Em seu movimento de colonização, os gregos fundaram na parte sul da Itália diversas cidades (Nápoles, Siracusa, Tarento etc.), conhecidas em seu conjunto como **Magnum Græcia**.

ORIGENS DE ROMA: LENDA E REALIDADE



A misteriosa loba amamentando Rômulo e Remo. Escultura em bronze.

Uma antiga lenda conta que Roma foi fundada por dois irmãos gêmeos, chamados **Rômulo e Remo**. Eles eram netos do rei Nômitor, de Alba Longa, que foi destruído do poder. Ainda recém-nascidos, Rômulo e Remo foram abandonados dentro de um cesto jogado dentro do rio Tibre. Levado pela correnteza, o cesto com os dois irmãos parou junto ao monte Palatino. Ali, Rômulo e Remo foram encontrados por uma **estranha loba** que os amamentou. Depois, diz a lenda, um pastor de nome Faustolo acolheu as crianças e cuidou de sua educação.

Quando adultos, Rômulo e Remo reivindicaram o trono de Alba Longa para seu avô. Receberam, então, permissão para fundar Roma na região onde a loba os havia encontrado. Surgiu uma disputa entre os dois irmãos para saber quem reinaria em Roma. Rômulo matou Remo, passando a reinar sobre a cidade, fundada em 753 a.C.

Fora da explicação lendária, as pesquisas históricas indicam que o nascimento de Roma está ligado aos povos itálicos (sábios e latinos). Mas foi só por volta do século VII a.C. que os etruscos consolidaram a fundação de Roma, ao se expandirem pela região do Lácio.

• **Monarquia (753-509 a.C.):** o estudo deste período de quase dois séculos e meio é feito com base em pesquisas arqueológicas e na interpretação das lendas e tradições. Durante a monarquia (ou realzta), Roma foi uma pequena cidade que sofreu a influência de etruscos e gregos.

• **República (509-31 a.C.):** período de quase cinco séculos, durante o qual Roma desenvolveu suas instituições sociais e econômicas e expandiu grandemente seu território. A **civilização romana tornou-se uma das maiores civilizações do mundo antigo.**

• **Império (27 a.C. — 476 d.C.):** período de aproximadamente cinco séculos em que, depois de atingir sua fase de grande glória, Roma enfrentou inúmeros problemas internos e externos. A combinação desses problemas arrastou a civilização romana para a decadência.

PERÍODOS HISTÓRICOS
Mais de mil anos de história

A longa história política de Roma costuma ser dividida em três grandes períodos: monarquia, república e império.

89

Fonte: Acervo do autor.

Figura 6 - Imagem da página 201 do livro COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Historiar. Editora Saraiva, 2ª edição, 6º ano, 2015.

Fundação e desenvolvimento histórico

Em cerca de 2000 a.C., os povos latinos fixaram-se na região do Lácio e fundaram várias aldeias, entre elas Roma. Tempos depois, por volta do século VII a.C., os povos etruscos conquistaram essa região e transformaram a aldeia latina em uma cidade.

A história política da Roma Antiga costuma ser dividida em três períodos: Monarquia, República e Império.

No tempo da **Monarquia** (753 a.C.-509 a.C.), Roma era uma pequena cidade. Os hábitos, a economia e a política foram influenciados principalmente por etruscos e gregos, que já viviam na península itálica.

No período da **República** (509 a.C.-27 a.C.), os romanos criaram novas instituições sociais, expandiram seu território e tornaram-se uma civilização poderosa.

Na fase do **Império** (27 a.C.-476 d.C.), os domínios romanos atingiram sua expansão máxima. Ao final desse período, também ocorreram muitas crises e mudanças na parte ocidental do Império.

A seguir, vejamos esses períodos com mais detalhes.

Outras histórias

Lenda da origem de Roma

Uma lenda conta que Roma foi fundada por dois irmãos gêmeos: Rômulo e Remo. Segundo essa lenda, Rômulo e Remo foram colocados, ainda bebês, dentro de um cesto e abandonados no rio Tibre, até que a correnteza os fez parar junto ao monte Palatino. Lá, uma loba teria amamentado os gêmeos e, depois, um pastor cuidou deles.

Quando viraram adultos, Rômulo e Remo fundaram uma cidade no monte onde foram encontrados. Essa cidade era Roma, que teria sido fundada em 753 a.C. Porém, os dois irmãos lutaram para decidir quem ia ser o rei. Rômulo matou Remo e tornou-se o primeiro rei de Roma.



Loba amamentando os gêmeos Rômulo e Remo - escultura provavelmente de origem etrusca. As figuras dos gêmeos teriam sido acrescentadas à escultura no período do Renascimento (séculos XIV a XVII d.C.). Local de custódia: Museus Capitolinos, Roma, Itália.

Atividade

• Vários povos criaram lendas que contam a origem de alguma coisa. Você conhece, por exemplo, alguma **lenda indígena** ou **africana**? Pesquise.

201

Fonte: Acervo do autor.

Para nossa reflexão, o que interessa nesta história fundadora é a presença da “loba”. Dentre as mais variadas versões, essa loba podia ser o animal, *Canis lupus* ou, segundo Regina M. Bustamante (2001, p. 93), seria a forma como chamavam as prostitutas naquele período. De um modo ou de outro, tanto o lobo quanto a prostituta representavam a “licenciosidade e a desordem, encontravam-se à margem das leis do casamento estabelecida pela civilização” (BUSTAMANTE, 2001, p. 93).

O lobo representava também, em diversas outras sociedades antigas, o espírito guerreiro dos jovens, sendo a sua pele usada como emblema real pelos antigos romanos (BUSTAMANTE, 2001, p. 94). A “relação simbólica” com a força, a beleza, a virilidade e outras características, de algumas espécies animais como o lobo, o leão, a águia, o cavalo são comuns ainda nos dias de hoje para valorizar ou menosprezar algo ou alguém. Isto é o que Chartier (2002a, p. 20) citando Furetière (1690), chama de “representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais [...] *O leão é o símbolo do valor; [...] o pelicano, o do amor paternal*” (Grifo nosso). Na lenda da loba, os aspectos místicos/religiosos e as características morais são os pontos destacados.

Mesmo passados vinte anos entre a coleção *História e consciência do mundo* e a coleção *Historiar*, nada foi acrescentado sobre a lenda que foi discutida acima. Em relação a imagem, o único acréscimo foi na legenda da coleção *Historiar*, que chama a atenção para a possibilidade da inclusão da figura dos gêmeos ter sido inserida a escultura muitos anos depois da sua criação original: *As figuras dos gêmeos teriam sido acrescentadas à escultura no período do Renascimento (séculos XIV a XVI d.C)* (COTRIM, 2015, 6º ano, p. 201).

Os “documentos históricos são uma produção humana”, reforça Regina Horta Duarte (2019, p. 37), mas se procurados, encontraremos os “rastros dos animais”. Sabemos que os livros didáticos não conseguirão dar conta de todas as problemáticas que podem ser levantadas em nossa sociedade. Concordamos com Ely Berço de Carvalho (2021) quando ele afirma que no processo de seleção de conteúdo coisas serão esquecidas para outras serem lembradas. Porém, como historiadores e professores, não podemos esquecer da série de fatores que estão a nossa volta e que a História não é feita apenas de ações humanas. Ou ainda, sobre a importância de discutir a inter-relação do homem com outros animais.

4. Considerações finais

Os livros didáticos ainda não conseguiram dar os devidos créditos as imagens. Elas ainda estão subordinadas ao texto escrito. Não podemos negar que os livros didáticos tem feito um variado uso de imagens. Os bustos de “grandes homens” que eram predominantes em suas páginas têm dado lugar a representações cada vez mais diversas. Mas, em sua maioria, essas representações pictóricas são utilizadas apenas como complemento do que está escrito, ou seja, tornam-se “ilustração”.

Tratando-se do mundo natural, parece que esse ofuscamento é ainda maior. São poucos os momentos em que os aspectos não-humanos são destacados como influenciadores ou condicionadores da formação das sociedades humanas. Assim, os vestígios deixados pelos desenhos, pinturas, esculturas e fotografias que mostram a presença animal no cotidiano, sua exploração e interações são ignorados nos livros didáticos. Cabendo ao professor utilizar de sua autonomia e explorar esse universo de possibilidades pedagógicas e históricas.

Seria interessante, para um futuro trabalho, identificarmos quando as representações do mundo natural começaram a ser difundidas nos livros didáticos de História. Como nossa pesquisa abrange o período de meados de 1990 até a segunda metade dos anos 2010, não podemos afirmar, por ora, como e quando as representações de animais começaram a aparecer nos livros didáticos difundidos no Brasil.

Com os exemplares utilizados nesta pesquisa, pudemos inferir que em pouquíssimos casos os animais são objeto de análise. Gilberto Cotrim, para não ofuscar a capacidade humana de adaptar o ambiente, preferiu manter a concepção de que o mundo natural deve submeter-se aos humanos e esqueceu que os humanos também precisaram se adaptar.

Referências

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- _____. Livros didáticos entre texto e imagens. In. BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12ª ed., 5ª reimp.. São Paulo: Contexto, 2020.
- BUENO, João Batista Gonçalves. **Imagens visuais nos livros didáticos: permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000)**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação – Universidade de Campinas, SP, 2011.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Rômulo e Remo: escritos e ritos. **História Revista**, 6 (2): 87-116, jul./dez., 2001.

- COTRIM, Gilberto. **História & Consciência do Mundo**. Editora Saraiva, v. I, 1996.
- COTRIM, Gilberto. **História & Consciência do Mundo**. Editora Saraiva, v. II, 1995.
- COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar**. Editora Saraiva, 2ª edição, 6º ao 9º ano, 2015.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900**. Tradução José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DUARTE, Regina Horta. História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação. **HALAC – Historia Ambiental, Latino americana y Caribeña**. Disponível em: <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/401>, v.9, n.2 (2019), p. 16-44. Acesso: 10/03/2022.
- FERNANDEZ, Fernando Antonio dos Santos; ARAÚJO, Bernardo B. A. As primeiras fronteiras: impactos ecológicos da expansão humana pelo mundo. In. FRANCO, José Luiz de Andrade; DUTRA E SILVA, Sandro *et. al.* **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, pp. 97-118.
- PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Vivendo no Antropoceno: incertezas, riscos e oportunidades**. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/livro/10-vivendo-no-antropoceno.html>. Acesso: 03/01/2022.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura pela história. In. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 3ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, Cáp. V, pp. 69-98.
- RAMIL, Chris de Azevedo. **A iconografia e a iconologia nos livros didáticos das edições tabajara: um estudo das imagens na coleção Guri** (Rio Grande do Sul, década de 1960). Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. Tradução Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.